

# Sugestões para o futuro de museus e teatros

Tem gente com idéias e propostas para esses espaços relegados atualmente ao azar. O jornalista e poeta Tetê Catalão, responsável pelo Espaço Cultural da 508 Sul, é categórico quando se fala em Museu de Arte Contemporânea, perdão, Museu do Índio: "Ninguém devia mexer nisso. O espaço pertence aos índios por questão de respeito". Para a ex-Sala Funarte, ele acredita que uma reforma e a volta do equipamento (era o único lugar na cidade com som de boa qualidade, já instalado, o que facilitava e muito a vida dos músicos) colocariam a coisa para a frente outra vez. A reativação da Concha Acústica, segundo ele, passa necessariamente por uma solução de transporte, tendo em vista o difícil acesso ao local. "No Teatro da Praça, se a reforma for realmente efetuada, o complicado vai ser coordenar a demanda de artistas e espetáculos", frisa Tetê. Mas o que ele acha que todos esses lugares precisam é de um programa de manutenção e de fornecimento de equipamento. Tetê é da opinião de que não adianta fazer reformas

físicas e ficar por isso mesmo.

O pintor Nelson Maravalhas também vê no Museu de Arte Contemporânea um grande equívoco. "Não serve pra Museu de Arte. Na verdade, é totalmente inadequado. As rampas fazem qualquer quadro parecer torto, a luz não presta... Para viabilizar como museu de arte só com uma alteração total", assegura Maravalhas. E completa: "Nem pra Museu do Índio eu não sei se serve". Maravalhas não tem dúvidas de que os espaços devem ser desti-

Arquivo



Tetê é responsável pelo Espaço 508 Sul

nados ao que se propôs o projeto original. O prédio que hoje abriga uma biblioteca da FCDF, ao lado da ex-Sala Funarte, deveria, para o artista, voltar a ser galeria de arte. "Era uma das melhores da cidade", garante. Um trabalho em conjunto do Museu de Arte de Brasília (MAB) com a Concha Acústica talvez levasse, na opinião dele, as pessoas àquele lugar, "que é muito bonito".

De acordo com Guilherme Reis, do Núcleo de Arte e Cultura (NAC), o mais importante para a recuperação dos espaços é uma mudança radical na mentalidade que hoje está atrelada ao serviço público. "O Governo, que está falido, tem, de qualquer maneira, que buscar parcerias com outras entidades. O marketing precisa ser incorporado", propõe Guilherme. E ele sabe do que está falando, pois levou à frente o Teatro Dulcina numa parceria com o Banco do Brasil. Outra questão que ele aponta refere-se ao velho "é do Governo, não é de ninguém". "Como ninguém se sente dono, todos deixam tudo acabar...", lamenta. Ele revela que o NAC fez no ano passado uma consultoria para a Fundação Cultural e que há projetos para a viabilização de vários espaços da cidade engavetados por lá. "Os projetos estão vivos, mas, infelizmente, não foram divulgados. Sem buscar a ajuda da iniciativa privada, não tem jeito", conclui. (Sérgio de Sá)